



**INSTITUTO LATINOAMERICANO DE
ARTE, CULTURA E HISTÓRIA
(ILAACH)**

**ESPECIALIZAÇÃO EM INTEGRAÇÃO
BRASIL-PARAGUAI: RELAÇÕES
BILATERAIS, DESENVOLVIMENTO E
FRONTEIRAS.**

Fome de quê?

Relatos da Experiência na Especialização Integração Brasil - Paraguai: Relações Bilaterais, Desenvolvimento e Fronteiras.

Keila Fernandes Jorge¹

Trabalho apresentado no âmbito do Programa de Especialização em Integração Brasil-Paraguai: Relações Bilaterais, Desenvolvimento e Fronteiras como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Integração Paraguai-Brasil: Relações Bilaterais, Desenvolvimento e Fronteiras.

FOZ DO IGUAÇU, 2024

¹ Estudante do curso de Especialização em Integração Brasil - Paraguai: Relações Bilaterais, Desenvolvimento e Fronteiras pela Universidade Federal de Integração Latinoamericana (UNILA). Graduada em Engenharia Agrônoma pela Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES).

RESUMO

O presente trabalho, apresenta um relato de experiência destacando as interfaces dentro da vivência multidisciplinar, no curso de Pós-Graduação Lato Sensu em Integração Brasil-Paraguai: Relações Bilaterais, Desenvolvimento e Fronteiras, da Universidade de Integração Latino Americana (UNILA). Considera-se importante construir um relato que apresente momentos salutares, principalmente, no que concerne a integração de uma perspectiva de compartilhamento de alimentos, seja no processo de cozinhar ou partilhar. Para o desenvolvimento desse estudo de abordagem qualitativa, tornou-se necessário analisar os dados registrados no diário de campo da pesquisadora, bem como as reflexões construídas no decorrer das disciplinas e suas bases bibliográficas. Como contribuição, acredita-se que essa experiência abre lugar de diálogo, aproximando os olhares para uma prática mais justa e igualitária, a fim de fomentar a construção de uma formação mais humana.

Palavras Chaves: Fronteiras, Relações Bilaterias Brasil - Paraguai, Integração Humana.

RESUMEN

El presente trabajo, presenta un relato de experiencia, destacando las interfaces dentro de la vivencia multidisciplinaria, en el Postgrado Lato Sensu en Integración Brasil - Paraguay: Relaciones Bilaterales, Desarrollo y Fronteras, en la Universidad de Integración Latino-Americana (UNILA). Se considera importante construir un relato que presente momentos saludables, principalmente, en cuanto a integración, mediante una perspectiva de intercambiar alimentos, sea en el proceso de cocinar o compartir. Para desarrollar este estudio cualitativo, se hizo necesario analizar los datos registrados en lo diario de campo de la investigadora, así como en las reflexiones construidas durante los módulos del curso y sus bases bibliográficas. Como aporte, se cree que esta experiencia abre un espacio de diálogo, acercando miradas a una práctica más justa e igualitaria, con la finalidad de incentivar la construcción de una formación más humana.

Palabras Claves: Frontera, Relaciones Bilaterales Brasil - Paraguay, Integración Humana

1. INTRODUÇÃO

“É curioso o uso do adjetivo “humano”, que transforma em objetivo o que diríamos que é inevitável ponto de partida. Nascemos humanos, mas isso não basta: temos também que chegar a sê-lo.”
Fernando Savater

A vida humana como parte da natureza, por vezes pode ser melhor compreendida se mirada através dos processos ocorridos nos biosistemas. Todo ser vivo requer nutrição como premissa básica para manutenção de seu organismo, logo não há vida se não há nutrição. Isso pode ser claramente visto nos ecossistemas, como por exemplo, a desnutrição dos solos que é capaz de ser demonstrada através de um processo de erosão, ao tratarmos do humano, a desnutrição alcança níveis muito mais profundos, evidenciada por uma erosão em sua própria dignidade.

Como descrita na Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948) em seu artigo 25 “Toda a pessoa tem direito a um nível de vida suficiente para lhe assegurar e à sua família a saúde e o bem-estar, **principalmente quanto à alimentação** [...]”.

Nas últimas décadas do século XX esse quadro de desrespeito tomou uma nova forma, a partir do pressuposto de que seria necessário aumentar a produção agrícola de alimentos para que a população mundial crescente fosse alimentada, incentivou-se um modelo de produção industrial, baseado em monocultivos e dependência de insumos externos, como fertilizantes químicos e agrotóxicos.

En el análisis de los efectos de la expansión de la soja transgénica en la región de la triple frontera resulta pertinente puntualizar que no se trata simplemente de la producción de una oleaginosa, sino más bien del conjunto de relaciones socioeconómicas [...] que se basa en un paquete tecnológico que incluye el uso intensivo de agrotóxicos (FOGEL, 2008, p. 279).

O que pode ser observado no desenvolvimento desse modelo, foi que ele não correspondeu dando acesso a comida para todos, como também fortaleceu um processo de desigualdade social com expulsão massiva de camponeses e povos originários do meio rural.

Como um recorte desse processo, apresenta-se a Universidade de Integração Latino Americana (UNILA), uma instituição de ensino superior que afirma em seu estatuto no Art. 4, “Da Missão, dos Princípios e dos Objetivos Institucionais: ter por missão

contribuir para a integração solidária e a construção de sociedades na América Latina e Caribe mais justas, com equidade econômica e social” (UNILA, 2012). Porém como tem se dado este processo de integração? De que forma este conhecimento compartilhado tem favorecido a formação dos cidadãos e promovido a justiça nessas sociedades?

Como parte dessa missão, o curso de Pós-Graduação Lato Sensu em Integração Paraguai-Brasil: Relações Bilaterais, Desenvolvimento e Fronteiras², se apresenta como uma importante ferramenta, tendo por objetivo a formação de recursos humanos no campo da integração e das relações bilaterais Paraguai-Brasil (FOZ DO IGUAÇU, 2021). Portanto de que maneira se dá o fortalecimento dessa integração regional? A horizontalidade é real? É visível a solidariedade entre esses países? Como os estudantes e corpo docente evidenciam essa proposta hoje?

Segundo Gil (1994) “a pesquisa é um procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos”. O presente artigo apresenta-se na forma de um relato de experiência, sendo “uma pesquisa de abordagem qualitativa que tem o ambiente natural como sua fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento” (BOGDAN & BIKLEN, 1982 apud LÜDKE & ANDRÉ, 1986).

O diário de campo como instrumento mais básico de registro de dados do pesquisador. É inspirado nos trabalhos dos primeiros antropólogos que, ao estudar sociedades longínquas, carregavam consigo um caderno no qual eles escreviam todas as observações, experiências, sentimentos, etc. [...] é um instrumento essencial do pesquisador (VICTORIA, 2000, p. 73).

Uma pesquisa de uma perspectiva autoetnográfica, o que Mariza Peirano (2008) denominaria “teoria vivida” (ARAÚJO, 2021). O presente trabalho apresenta um relato destacando a importância da integração com base nas partilhas de alimentos, trazendo as interfaces e momentos salútares nos encontros e descobertas dentro da vivência multidisciplinar. Como contribuição, acredita-se que essa experiência abre lugar de diálogo, aproximando os olhares para uma prática mais justa e igualitária. A fim de fomentar a construção de uma formação mais humana.

² Será utilizado o termo **especialização** em substituição à “Pós-Graduação Lato Sensu em Integração Paraguai-Brasil: Relações Bilaterais, Desenvolvimento e Fronteiras”.

2. Tekoha, lugar de ser. Sem tekoha não há teko³.

*“Não é fácil ter a coragem de ser.”
Carl Rogers*

Figura 1 – Tornando - me humana. Foz do Iguaçu.



Fonte: Arquivo Pessoal.

Sou Keila Fernandes Jorge, graduada em Engenharia Agrônoma pela Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES), concluída em dezembro de 2009. A minha formação acadêmica teve sua base na investigação científica, aliada à extensão rural e alicerçada na sustentabilidade.

No entanto minha relação com a agricultura, com o trabalho social/colaborativo, com a educação, com a comunidade local não começa com minha formação acadêmica. Sou fruto de gerações e gerações de agricultores/agricultoras familiares, de uma comunidade rural que manifesta sua fé, sua cultura, sua tradição no serviço mútuo, no compartilhar de seus fardos e suas alegrias e não obstante carrego na minha história o legado de mulheres/professoras fundadoras de escolas rurais. “Conhecer o humano é, antes de mais nada, situá-lo no universo, e não separá - lo dele” (MORIM, 2008, p.47).

Enquanto arrumava as mochilas que me acompanhariam até Foz do Iguaçu - Paraná, onde cursaria a especialização, não poderia imaginar que seria também como uma

³ “[...] en la lengua Guaraní “El «*tekoha*» deriva de la palabra «*teko*», que significa el modo de ser. [...] El «*ha*» significa el lugar donde se da este modo de ser” (REMBE’YPE, 2021).

Foz para mim, que encontraria outras águas ainda mais profundas para desaguar. Levava nas mochilas mais que roupas, sapatos e livros, levava minha própria história.

A chegada foi uma mistura de conquista, encantamento e estranhamento, eram dias cheios para todos que estavam na Universidade e para mim que ainda me adaptava. São ótimas as memórias da primeira estadia, uma casa de estudantes que me acolhera, lembro - me do preparo do café da tarde ou jantar para quando eles voltassem da Unila, nesse momento do dia de partilhar o que eles fizeram e eu se tinha conseguindo uma casa, se tinha tido resposta do trabalho, se estava com saudade da família.

Figura 2 - Hermanos Menores. Foz do Iguaçu.



Fonte: Arquivo Pessoal.

Demorei um tempo para compreender toda aquela mistura de línguas, gírias e sons, que vinham de várias partes de Abya Yala⁴. Eram paraguaios, guatemaltecos, peruanos, colombianos, nicaraguenses, brasileiros, mas aos poucos na convivência eles foram se tornando mais familiares e os antes anfitriões “desconhecidos” tornaram-se meus “hermanos menores”. “Ser estrangeiro na boca e nos ouvidos

⁴ ABYA YALA, na língua do povo Kuna, significa Terra Madura, Terra Viva ou Terra em florescimento e é sinônimo de América. O povo Kuna é originário da Serra Nevada, no norte da Colômbia, tendo habitado a região do Golfo de Urabá e das montanhas de Darien e vive atualmente na costa caribenha do Panamá na Comarca de Kuna Yala (San Blas). Abya Yala vem sendo usado como uma autodesignação dos povos originários do continente como contraponto a América. [...] Muito embora os diferentes povos originários que habitam o continente atribuíssem nomes próprios às regiões que ocupavam – Tawantinsuyu, Anahuac, Pindorama – a expressão Abya Yala vem sendo cada vez mais usada pelos povos originários do continente objetivando construir um sentimento de unidade e pertencimento. Disponível em: <https://iela.ufsc.br/povos-origin%C3%A1rios/abya-yala>. Acesso em: 05 ago. 2022.

implica em tentar ouvir os nomes e vapores, onde as fronteiras entre aquele que diz e aquilo que é dito são tão vaporosas quanto aquelas que se montam entre nações” (STOLF, 2016).

Observando o Acordo entre a República Federativa do Brasil e a República do Paraguai sobre Localidades Fronteiriças Vinculadas (BRASIL, 2022) e suas aplicações práticas, durante os estudos da disciplina de Direitos Humanos e Governança, ministrada pelo professor Gustavo Vieira, a princípio percebi a possibilidade de uma articulação entre as entidades de ATER⁵ públicas correspondentes de cada país, que poderiam abranger ainda instituições de ensino.

O Acordo tem como objetivo a integração entre as regiões de fronteira dos dois países. Segundo o Ministério das Relações Exteriores do Brasil, o acordo fornece instrumentos jurídicos baseados no direito internacional para que os governos continuem o processo de integração das localidades de fronteira (BRASIL, 2022).

Inicialmente cheguei em Foz do Iguaçu com dois objetivos, trabalhar com ATER de base agroecológica em um projeto fomentado pela Itaipu Binacional e cursar a especialização. No entanto não aconteceu como planejado. Surgiram vários entraves e atrasos nas datas de início do trabalho e enquanto aguardava as resoluções percebi que o tempo de espera é uma oportunidade para cultivar e como na primeira parada, colhi relacionamentos.

Figura 3 – Cultivando Relacionamentos. Agricultura Familiar de Foz do Iguaçu.



Fonte: Arquivo Pessoal.

⁵ A Extensão Rural pode ser definida com um processo de educação não formal, que visa contribuir para a elevação de qualidade de vida das famílias rurais e para o bem-estar de toda a sociedade, aliada a Assistência Técnica Rural forma a ATER (Assistência Técnica e Extensão Rural). Disponível em: <https://empaer.pb.gov.br/pdf/livro-extensao-rural-volume-i-1.pdf> .Acesso em: 02 set. 2022.

A minha primeira experiência profissional aconteceu logo após a conclusão do curso de engenharia agrônoma, fui selecionada para trabalhar em uma fazenda de fruticultura, foi uma experiência desafiadora, principalmente porque se tratava de cultivos de grandes extensões. A Unila se apresentou para mim como um desses modelos de grande extensão, no seu espaço físico que surge em vários pontos da cidade e em sua fronteira humana que se expande em cada território de onde vem seus estudantes. Diferente da fazenda que tinha sua produção baseada no modelo de agricultura industrial, motivo pelo qual permaneci somente por um ano. A Unila se assemelha a uma área de um camponês, trata-se de policultivo.

Assim como cada ponto singular de um holograma contém a totalidade da informação do que representa, cada célula singular, cada indivíduo singular contém de maneira “holográfica” o todo do qual faz parte e que ao mesmo tempo faz parte dele (SAVATER, 1998, p.38).

A América do Sul vem sofrendo com o grande crescimento do modelo de agricultura industrial, com destaque para a cultura da soja, em especial na região Sul do Brasil, Oriente boliviano, todo Paraguai, grande parte do Centro-Norte argentino e Ocidente uruguaio (VILADESAU, 2012). O que a empresa Syngenta nomeou como “República Unida da Soja”, seu avanço transvestido de desenvolvimento econômico e comercial, tem trazido consequências desastrosas, no que diz respeito ao meio ambiente, a saúde coletiva, o direito a terra dos povos originários, camponeses, pequenos e médios agricultores, arbitrariedades legais, sobretudo a grande ameaça a Soberania Alimentar.

Figura 4 - República da Soja. Propaganda da Syngenta no Paraguai.



Fonte: Viladesau, 2012.

O que nos faz olhar diretamente para o Paraguai que se apresenta hoje como o quarto maior exportador de soja do mundo, com a produção passando de cerca de 6 milhões

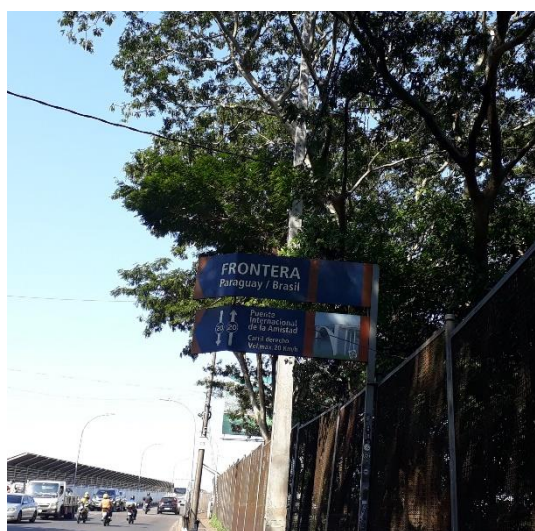
de toneladas em 2010 para mais de 10 milhões de toneladas na safra 2019 -2020. Sendo o Alto Paraná, departamento do Paraguai onde localiza-se Ciudad del Este, que faz fronteira com Foz do Iguaçu, o departamento com a maior área de produção de soja no país, com mais de 900.000 ha plantados, caracterizado por um monopólio produtivo de estrangeiros, sobretudo brasileiros, a soja é o produto agrícola de maior exportação no país, no entanto seu incremento no PIB não trouxe um desenvolvimento econômico e social igualitário (PARAGUAI, 2022).

Este modelo de desarrollo propicia exclusión social, agotamiento de los bienes naturales y degradación social y ambiental y, en consecuencia, violación de los derechos económicos, sociales, culturales y ambientales de comunidades indígenas y campesinas, además de las urbanas, que son las principales consumidoras de los productos y agua contaminados (VILADESAU, 2012, p. 42).

O que pode ser demonstrado pelos dados do Instituto Nacional de Estatística, onde segmentos significativos da sociedade paraguaia continuam excluídos economicamente, apesar de todo incremento do mercado do agronegócio na economia, o país ainda continua com cerca 1,3 milhão de pessoas vivendo na pobreza e quase 600.000 em extrema pobreza (INE, 2022). E a pobreza está diretamente vinculada a insegurança alimentar.

Um Novo Olhar Sobre Fronteira

Figura 5 - Ponte da Amizade. Fronteira Paraguai Brasil.



Fonte: Arquivo Pessoal.

A construção social de um território segue pelo menos dois caminhos, desenvolve-se de uma forma na zona rural e de forma distinta na zona urbana, obviamente existem

momentos em que se cruzam e se influenciam. No entanto a ocupação do território no meio rural acontece de forma mais intensiva, pois trata-se de grandes áreas, enquanto nas cidades está mais ligado ao desenvolvimento econômico. “[...] na contemporaneidade brasileira, o que há de sociologicamente mais relevante para definir a fronteira no Brasil é, justamente, a situação de conflito social” (MÉLO, 2021, p. 268).

Algumas dessas observações aqui relacionadas foram construídas a partir das reflexões desenvolvidas na disciplina de Construção Social do Território e da Fronteira, ministrada pelo professor Ramón Fogel com enfoque na relação de integração entre Brasil e Paraguai. Onde vimos que a história dessa construção está intimidante ligada ao desenvolvimento da agricultura e pecuária, chocando diretamente com a forma de vida dos povos originários e camponeses que vivem ou viviam nestas áreas, como escreve Pozzo (2022, p. 7) “la colonización y ocupación de estos territorios se centró en espacios pertenecientes a distintos grupos indígenas, quienes simplemente fueron expulsados de sus territorios, lo cual repite esquemas coloniales”.

Na história fronteiriça desses dois países, houveram diversos ciclos, o mais recente relaciona-se diretamente com a cultura da soja, acompanhada de seu “pacote tecnológico”, com uso intensivo de agrotóxicos, adubos químicos e maquinários, o que gera contaminação dos solos e das águas, desmatamento, exaurindo a terra e necessitando cada vez mais de áreas aptas a produção e assim expulsando essas comunidades.

Essa construção recente da fronteira precisa de atenção, pois é algo que ainda está acontecendo e não se pode calcular com precisão os prejuízos futuros.

A fronteira só deixa de existir quando o conflito desaparece, quando os tempos se fundem, quando a alteridade original e mortal dá lugar à alteridade política, quando o outro se torna a parte antagônica do nós. Quando a História passa a ser a nossa História, a História da nossa diversidade e pluralidade [...] (MARTINS, 1996, p. 27).

No caso do Paraguai a pressão sob seu território é ainda maior do que acontece no Brasil, por ser menor em extensão. No entanto, os dois países têm algo em comum, a corrupção estrutural que potencializa o problema. “Se trata de una disputa territorial de nuevo cuño con una continua expansión de la soja brasileña en territorio

paraguayo, intensificándose los conflictos y la pobreza campesina” (FOGEL & RIQUELME, 2005, p. 41). Com um forte domínio das multinacionais que detém toda a cadeia de produção desde a semente até a venda do produto, passando pelos pesticidas e maquinários agrícolas utilizados na produção, ainda com o agravante das sementes transgênicas.

Es importante resaltar que a medida que aumenta la productividad de la soja disminuye el empleo que proporciona dado que se aplica más tecnologías intensivas en capital, reemplazando el uso de mano de obra por tecnología, básicamente equipos costosos importados. La siembra directa está asociada al uso del herbicida Roundup, ya que la semilla transgénica utilizada, patentada por la poderosa Monsanto, desarrolla resistencias contra sus efectos desecantes (FOGEL & RIQUELME, 2005, p. 40).

Como resposta ao enfrentamento a essa crise instaurada nos sistemas alimentares mundiais, floresce o conceito de Soberania Alimentar, não que a soberania alimentar em si seja uma ideia nova, contudo é de suma importância sua nomeação, com uma significação a esse sistema holístico debatido e vivenciado em suas bases, por aqueles que produzem comida. Ela refere-se ao direito de cada nação de manter e desenvolver sua própria capacidade de produzir seus alimentos básicos, respeitando a diversidade cultural e produtiva (ONU, 1996). Pode-se dizer, que um povo se torna soberano quando tem a capacidade de prover sua própria alimentação em qualidade e quantidade.

Quando trata-se de comida, é lícito falar que ela seja o bem mais importante da humanidade, o acesso a boa educação, a sistemas de saúde, incluindo saúde mental, moradia, segurança são legítimos, no entanto com a “barriga vazia”, tornam-se “vazios” todos esses direitos. Nesse universo as estratégias e experiências na promoção da Soberania Alimentar mostram-se como um aporte aos povos, ainda que por vezes pequenas, têm sido uma fortaleza que resiste em meio a devastação causada pelo modelo produtivo industrial.

Baseando-se no conceito de Comarca Guarani onde esses povos tiveram uma só origem, com a maior parte da estrutura social milenar baseada na agricultura, no trabalho coletivo em reciprocidade através das comunidades.

Comarca Cultural Guarani materializada na literatura e em outras manifestações culturais, tais como arte mural, canções, fotografias e expressões da oralidade; parte da compreensão de que as comarcas culturais extrapolam os limites nacionais para conformar-se como

organização sociocultural outra, cujas raízes são anteriores ao século republicano. [...] a observação desta comarca se estendeu apenas pelas fronteiras entre Brasil, Paraguai e Argentina (GODOY & PEREIRA, 2020, p. 101).

Considerando o contexto atual do enfraquecimento dessas trocas, o Acordo sobre Localidades Fronteiriças Vinculadas, citado anteriormente, traz em seu texto instrumentos jurídicos que fundamentam e possibilitariam uma proposta de parceria entre os organismos já existentes em ambos os países, fortalecendo mutuamente, propondo ainda troca de saberes entres os campesinos.

Durante a disciplina de Direitos Humanos e Governança surgiu a ideia de promover dias de campo ou visitas programadas, enriquecendo grandemente os dois povos, que em sua maioria cultivam e comercializam isoladamente em seus municípios, abrindo futuramente espaços de comercialização, onde é possível a compra de produtos in natura e transporte de um país ao outro, o que fortaleceria a Segurança Alimentar.

Apesar de se tratar de um direito e necessidade inerentes a todo ser humano, é fato que uma grande parte das pessoas do planeta não tem esse acesso vital garantido, como é possível ver pessoas em situação de vulnerabilidade social, mendigando por alimentos nas imediações das Aduanas de Brasil e Paraguai.

3. Jaha Jakaru⁶! Vamos Comer!

“As reflexões e ideias que apresento, baseadas nessa experiência, podem ser errôneas ou parcialmente errôneas. Mas a experiência existe. É um fenômeno profundamente arrebatador para todos os que o observaram ou viveram.” Carl Rogers

Como toda a construção da minha experiência profissional tinha ocorrido em outras regiões do Brasil, bem distinta da região Sul, durante a especialização comecei uma pesquisa sobre as áreas rurais e de cultivo do município de Foz do Iguaçu, visitei algumas instituições públicas vinculadas a agricultura, assim como algumas feiras de agricultura familiar e como uma coincidência muito boa, encontrei acolhimento numa agricultora que fazia a venda dos seus produtos semanalmente na Feira Agroecológica, que acontece no Campus Jardim Universitário e mais uma vez a grande extensão da Unila se apresenta possibilitando esse encontro. Através dessa

⁶ “Jaha Jakaru” foi a primeira expressão na língua Guaraní que aprendi ao chegar em Foz do Iguaçu, e foi muito significativa para minha construção. Sua tradução é “Vamos Comer”.

agricultora conheci a Cooperativa da Agricultura Familiar de Foz do Iguaçu (COAFFOZ), onde fui muito bem recebida.

Nesse processo de espera me voluntariei para colaborar com as demandas da cooperativa que tinha poucos funcionários e muito trabalho. Encontrei em uma das cooperadas, também agricultora familiar, alguém que me encorajou nesse momento desafiador de recomeçar. Ainda com o agravante do desafio financeiro, nesse período já havia aproximadamente dois meses da chegada e o trabalho ainda não tinha começado, o qual seria minha principal fonte de renda para permanência na cidade. Vivi com esses agricultores/agricultoras a real experiência de se cooperar, eu colaborava naquilo que era possível no meu tempo livre e eles/elas colaboravam com o que tinham de melhor: alimentos de qualidade. E assim muitas vezes precisei de ajuda para levar para casa as sacolas de verduras, legumes, frutas e pães que recebia.

Figura 6 - Memórias da COAFFOZ. Agricultoras Familiares.



Fonte: Arquivo Pessoal.

Estava inserida em um contexto de Universidade onde não havia Restaurante Universitário⁷ e existia muita vulnerabilidade em relação a comida, essa relação com a cooperativa foi algo realmente precioso, porque comigo não era diferente, eu era mais uma em vulnerabilidade. Assim, desenvolvi o hábito de sempre ter comida na mochila e quando possível ter para dois, porque dar é sempre melhor que receber (BÍBLIA, At, 20, 35) e a generosidade é o terreno fértil para florescer o amor genuíno (BÍBLIA, 1Jo, 3, 16-18). Também nesse tempo, aprendi a receber quando eu não tinha.

⁷ O Restaurante Universitário da UNILA foi inaugurado no dia 23 de outubro de 2023, enquanto esse artigo era confeccionado, se apresentando como resposta as proposições deste. Disponível em: <https://guatafoz.com.br/unila-inaugura-primeiro-restaurante-universitario/>. Acesso em: 29 nov. 2023.

Essa cultura do compartilhar acontece naturalmente em muitas das casas de estudantes que visitei em Foz, a prática de não deixar ninguém com fome, de forma amorosa e sem constrangimento, me permitiu experimentar os dois lados dessa vivência, confirmando o que já foi dito a muito tempo, que a gratidão gera a multiplicação (BÍBLIA, Jo, 6, 10-13). “Nós, os seres humanos, podemos ser hóspedes uns dos outros, cúmplices de necessidades que conhecemos bem, e não estranhos encerrados na fortaleza inacessível de nossa peculiaridade” (SAVATER, 1998, p.188).

O cooperar para mim não seria uma novidade, vivenciei durante alguns anos projetos de extensão com vistas ao Desenvolvimento Sustentável: na prestação de serviços gratuitos de ATER de base agroecológica vinculados a Universidades Públicas, na formação coparticipativa de Hortas Agroecológicas em centros urbanos, em pesquisas desenvolvendo tecnologias em Energias Sustentáveis, na Certificação Orgânica pelo sistema participativo de garantia - OPAC⁸, atuando no âmbito do PNAE⁹ através dos CECANEs - UFG, UFF e UFSC¹⁰ e na promoção de oficinas como ferramenta multiplicadora de técnicas alternativas de cultivo, sem uso de veneno, preservando o meio ambiente e valorizando os saberes e a cultura, construindo pontes com as comunidades locais.

Figura 7- Vivências Profissionais

11



Fonte: Arquivo Pessoal.

⁸ OPAC - Organismo Participativo de Avaliação da Conformidade Orgânica, certificadora orgânica pelo sistema participativo de garantia.

⁹ PNAE - Programa Nacional de Alimentação Escolar, vinculado ao Ministério da Educação no Brasil.

¹⁰ CECANE - Centro Colaborador em Alimentação e Nutrição do Escolar. UFG - Universidade Federal de Goiás, UFF - Universidade Federal Fluminense e UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina.

¹¹ Da esquerda para direita – Foto 1 ATER de base agroecológica – Janaúba, MG; Foto 2: Formação de Horta Agroecológica – Santa Luzia, MG; Foto 3: Certificação Orgânica – Lassance, MG; Foto 4: Pesquisa em Energias Sustentáveis – Goiânia, GO; Foto 5: Assessoria no CECANE UFF - Atílio Vivácqua, ES; Foto 6: Assentamento de Canudos/Movimento Sem Terra – Palmeiras de Goiás, GO; Foto 7: Oficina técnicas de cultivo em Horta Agroecológica – Santa Luzia, MG; Foto 8: Oficina multiplicadora de técnicas alternativas de cultivo – São José de Belmonte, PE.

Foi um período de experiências singulares e grande aprendizado, “o que geralmente não se trata de uma explosão repentina de compreensão – é um movimento às cegas, ambivalente, confuso e hesitante num novo território” (ROGRS, 1977, p. 53).

Andando na Fronteira

Durante a disciplina de Diversidade Cultural e Construção de Identidade, ministrada em conjunto pelos professores Aníbal Pozzo e Diana Pereira foi proposta a construção de uma análise crítica sobre o documentário *Portuñol* (2020)¹², que desenvolve seu enredo pelos caminhos das fronteiras do Brasil com Argentina, Bolívia, Paraguai e Uruguai. Mostrando como que por fresta na janela o que ocorre nas regiões de fronteira, que as relações humanas estão em constate mutações e quanto mais diversos são esses sistemas, mais notáveis são seus movimentos, suas combinações.

[...] a fronteira é essencialmente o lugar da alteridade. É isso o que faz dela uma realidade singular. À primeira vista é o lugar do encontro dos que por diferentes razões são diferentes entre si [...]. Mas, o conflito faz com que a fronteira seja essencialmente, a um só tempo, um lugar de descoberta do outro e de desencontro (MARTINS, 1996, p. 27).

Figura 8 – Finalização da Disciplina Diversidade Cultural e Construção de Identidade.



Fonte: Arquivo Pessoal.

Os territórios fronteiriços são como terras férteis, lança-se uma semente e colhe - se fartamente. São como policultivos, as transculturalidades enriquecem, a mestiçagem se traduz em multiculturalismo. A música, a literatura, as artes surgem como um

¹² O documentário *Portuñol* foi lançado no ano de 2020 e dirigido pela cineasta Thais Fernandes.

território livre, sem demarcações através das quais abre - se espaço para o florescimento cultural, que dança com as normativas nacionais.

As comarcas culturais, portanto, apresentam características comuns entre o sujeito e o espaço que habita; e partem do princípio de que tal configuração territorial vai muito além dos Estados Nacionais, justapondo-se ao mapa geopolítico latino-americano (GODOY & PEREIRA, 2020, p. 106).

Nessa fronteira a arte surge como espaço de fala, através do hip hop jovens de uma comunidade Guarani, expressam-se cantando sua língua, sua história e sua vida hoje, como um ser que traz na sua essência o Guarani ancestral e o Guarani atual, que vive e se mistura com outras culturas, doando e recebendo, transmutando para esse novo ser. “Concretamente, en el caso de Paraguay, se da el caso de que el país cuenta con dos lenguas oficiales, lo que quiere decir también que en la vida cotidiana se adviertan una serie de préstamos entre el español y el guaraní” (BONFIM, 2012, p. 73 e 74).

Quando uma criança que fala Guarani e sua língua é tida como inferior, ou quando uma família leva seu filho ao hospital e ao falar percebe - se que eles não são nacionais, então nesse momento aqueles muros antes abstratos, tornam - se de concreto. E em tantos outros fatos e relatos contados pelo documentário ou que estão por aí no dia a dia dessas populações que vivem nessa região fronteiriça. Como menciona Barros (2017), no caso das cidades gêmeas de Ponta Porã, Brasil e Pedro Juan Caballero, Paraguai.

Os dois países têm graus de desenvolvimento econômicos distintos; fato que impacta os indicadores sociais, diretamente. A precariedade do serviço público de Saúde e da Educação Básica no Paraguai faz com que os pedrojuaninos busquem atendimento nos hospitais e o ensino nas escolas do Brasil. Essa assimetria socioeconômica entre os dois países ocasiona relações de preconceito, que torna conflituoso o convívio aparentemente harmonioso entre as populações das duas cidades-gêmeas (BARROS, 2017, p. 155).

No entanto, como bem retrata o documentário Portuñol antes citado, relações humanas, são como a água de um rio, que encontra uma barreira e para continuar seu curso vai formando curvas e corredeiras, embelezando o caminho, encontram também nessa terra de pontes de alvenaria e muros abstratos, uma mulher e um homem e pouco faz diferença seu sotaque ou “acento”, constroem algo mais forte do que qualquer alvenaria. E, ainda que pareçam pertencer ao mundo abstrato, esse amor torna - se real, no formato de uma família. “No Brasil, para os próprios membros do que se poderia chamar provisoriamente de sociedade da fronteira, a fronteira

aparece freqüentemente como o limite do humano. A fronteira é a fronteira da humanidade” (MARTINS, 1996, p. 33).

Durante toda a construção da disciplina de Diversidade Cultural e Construção de Identidade, inclusive no documentário Portuñol, esse elemento de preconceito nacional foi visibilizado, não somente nas fronteiras entre Brasil e Paraguai, como também nas outras fronteiras dessa região, de como o Brasil e os brasileiros se relacionam com os vizinhos, a partir de uma ótica de distanciamento, de preconceito, como no caso da língua onde é muito mais comum os uruguaios, bolivianos, argentinos e paraguaios falarem o português, o portuñol¹³ do que o brasileiro falar o espanhol ou castelhano. Como descreve Carlos Bofim (2012).

El portuñol como fenómeno lingüístico característico de las zonas de frontera. En este sentido, no está de más recordar que Brasil comparte con sus vecinos sudamericanos más de 16 mil kilómetros de frontera y que el intenso tránsito de personas y productos, los intercambios y las dinámicas socioculturales que se advierten en esos sectores incluye, como es natural, prácticas lingüísticas entremezcladas (BONFIM, 2012, p. 73).

Estas mesclas podem ser vistas em várias vertentes nessas relações bilaterais entre Brasil e Paraguai, como por exemplo nas grandes discussões a respeito da Itaipu Binacional, de como ela deve ser gerida pelos dois países, ou a questão da violência, narcotráfico e contrabando nas regiões de fronteira, que muitas vezes é vista como se só existisse o conflito em um lado e não como uma relação bilateral entre os países. “Se entendermos que a fronteira tem dois lados e não um lado só, o suposto lado da civilização; se entendermos que ela tem o lado de cá e o lado de lá, fica mais fácil e mais abrangente estudar a fronteira como concepção de fronteira do humano” (MARTINS, 1996, p. 33 e 34).

Cabe falarmos aqui da Guerra Internacional mais longa da América Latina, a Guerra da Tríplice Aliança ou Guerra do Paraguai ou Guerra Guasu, pois como afirma BARROS (2017, p. 104), “os capítulos da história da Humanidade podem ser contados

¹³ “Lo que habitualmente –en el sentido común y en los estudios lingüísticos– se define como portuñol (o portunhol) resulta ser lo que algunos estudiosos definieron como una “tercera lengua”. Es decir, sería el resultado de la mezcla entre el portugués y el español. Existen, sin embargo, algunos matices: no es lo mismo, por ejemplo, el portuñol que es el resultado de los atropellos idiomáticos de quienes, muchas veces cargados de prejuicios, consideran innecesario estudiar el español, que las naturales contaminaciones propias de un brasileño aprendiz de español como lengua extranjera” (BOFIM, 2012).

sob vários ângulos, a depender de quem produz a estória, em que contexto e para quem produz”.

Essa Guerra dizimou grande parte da população paraguaia, sobretudo homens e contou com uma presença significativa e decisiva das mulheres, bem como de crianças, principalmente no exército paraguaio. Ela transcorreu entre os anos de 1864 e 1870 e ainda hoje é real na memória de uma grande parte da população, principalmente a paraguaia e suas marcas materiais e imateriais ainda são vívidas (POZZO, 2021).

Essa região de fronteira, esse lugar de trânsito, abre espaço para novos trabalhos, novas abordagens, novas vertentes, seja através das artes, da língua ou de políticas públicas específicas para destacar esse ambiente fronteiro como rico e não apenas como um ambiente conflituoso.

O imaginário é um sistema de ideias e imagens de representação coletiva, que os homens constroem através da história para dar significado às coisas. “o imaginário existe em função do real que o produz e do social que o legitima” e serve para “confirmar, negar, transfigurar ou ultrapassar a realidade”. Logo, o nosso “verdadeiro” mundo é sempre construído socialmente pelo pensamento (PESAVENTO, 2006, p. 50 apud BARROS, 2017, p. 161).

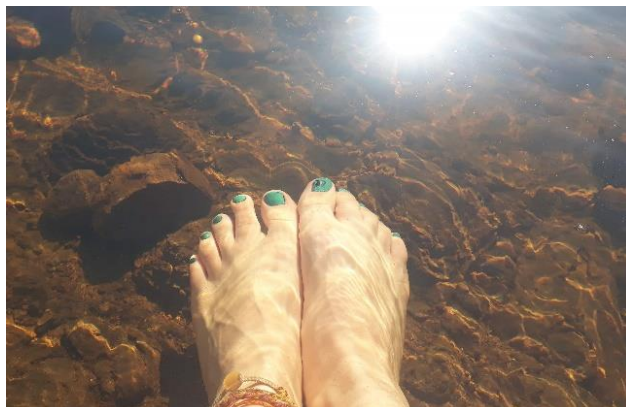
Dentro desse contexto de construção do imaginário torna - se imprescindível a necessidade de lançar luz na história, ressaltando assim a importância de projetos como o documentário estudado e a especialização, bem como nas construções das relações atuais e essa mescla, que hora se debatendo, hora se aproximando, hora se contorcendo possa formar um futuro de relações mais humanas e equitativas para todos os povos e em especial para essa população fronteira muitas vezes ofuscada pela sobreposição de um olhar de monocultura e normativo das nações a que pertencem.

4. Jopara¹⁴, somos todos mestiços

“A fronteira aqui não nos chega pronta, mas se abre para que seja vivida, experienciada.”
Raquel Stolf

¹⁴ “[...] Y para referirse a las mezclas entre estos dos idiomas (español y el guaraní), los paraguayos emplean el término **jopara, que en guaraní significa precisamente mezcla**” (BOFIM, 2012).

Figura 9 – Lave os pés, é só os pés. Rio Paraná: Fronteira Brasil Paraguai



Fonte: Arquivo Pessoal.

Ao que conta a história, essa linha chamada fronteira, está em constante movimento, em um momento da história pré-colonial, não se falava em fronteira, não havia linhas reais ou imaginárias que separavam os povos que viviam e conviviam nesta região.

Isso porque o discurso dominante, constituído, pelo imaginário do poder, no que se refere às fronteiras dos Estados Nacionais no senso comum e, em grande medida no discurso acadêmico, aborda a formação das fronteiras internas destacando figuras proeminentes ou grupos sociais que, desbravando um território selvagem, despovoado, teriam construído a civilização no espaço conquistado (MÉLO, 2021, p. 265).

Assim, com a chegada dos europeus começa - se a traçar rabiscos dessa linha, os territórios nacionais ou espaço físico de limite de fronteira, especificamente da região Sul da América. No Brasil a faixa de fronteira é regulamentada pela Constituição Federal de 1988, no seu “Art. 20 que diz ser de até cento e cinquenta quilômetros de largura, ao longo das fronteiras terrestres” (BRASIL, 1998).

Apesar das pontes de alvenaria serem reais nesses espaços de fronteira e os muros serem abstratos, existem momentos em que o abstrato se torna mais forte do que o real. Mesmo que seja através de uma abordagem leve e dinâmica, deixando em evidência a melhor face das regiões fronteiriças, não é possível camuflar a realidade, os obstáculos de quem vive nessa região. “A história contemporânea da fronteira, no Brasil, é a história das lutas étnicas e sociais” (MARTINS, 1996, p. 26).

Nas conversas com os paraguaios que convivia durante a especialização todos me falavam da Feira que acontecia na Central de Produtores ao lado do Terminal Rodoviário de Ciudad del Leste, despertando em mim a curiosidade de vivenciar ainda

que como turista uma feira de agricultura familiar. “Estamos falando de algo que existe no íntimo do indivíduo, de alguma coisa fenomenológica e não objetiva, mas a ser valorizada” (ROGERS,1977, p. 59).

Figura 10- Experienciando Ciudad Del Este. Feira de Agricultura Campesina.



Fonte: Arquivo Pessoal.

Ainda experienciando um pouco mais do Paraguai, visitamos a casa de um dos colegas da especialização em Ciudad del Este, seria apenas uma festa entre amigos e claro que esse foi o principal objetivo, no entanto para que o encontro pudesse acontecer precisávamos de toda uma “logística”. Queríamos nos encontrar no sábado depois da aula e ficar até a noite, mas para ficar precisávamos de um transporte para atravessar a Ponte da Amizade, que é a principal via de acesso entre Foz do Iguaçu, Brasil e Ciudad del Este, Paraguai, pois não há uma integração de transporte público entre os dois países depois das 18 h.

Isso implica que se alguém não tem um carro ou uma moto tem a opção de pagar um preço muito alto em um taxi. Outra opção é chegar até a Ponte e atravessar andando, o que é perigoso de fazer a noite, pois quanto mais tarde mais arriscado ou dormir em um dos países onde se encontra. E foi isso que fizemos, a família do nosso colega nos recebeu muito bem e dormimos todos em sua casa.

Essa foi uma experiência importante para os falantes de português, coisas como ir ao supermercado, ir a feira popular e ser desafiado pelos amigos “hispanohablantes” para negociar os preços e fazer as compras em uma mistura de Espanhol, Guarani e Português. Conversar e interagir não em uma sala de aula, mas na intimidade de uma família enriqueceu à todos. “Para que ocorra essa aprendizagem espontânea parece fundamental que o indivíduo em contato com o problema real e possa enfrentá-lo” (ROGERS, 1977, p. 67).

Figura 11 – Integração Humana. Uma Cozinha e Uma Rodoviária. Ciudad Del Este.



Fonte: Arquivo Pessoal.

Os carros da UNILA não podem cruzar a fronteira (ARAÚJO, 2021), mesmo que a proposta da especialização seja a Integração Brasil – Paraguai, apesar de todo os esforços dos professores, não aconteceu nenhuma aula em território paraguaio. A integração proposta pela especialização foi acontecendo dentro das relações interpessoais de maneira real, cotidiana, divertida, empática e porque não dizer pedagógica. Vivenciamos Savater (1998, p. 54), que diz: “o ensino se dá em todas as partes e por partes de todos, às vezes de modo espontâneo e outras vezes com mais formalidade”.

A necessidade da integração nas regiões de fronteiras é um fator real e necessário para o desenvolvimento local, pois no caso dessa tríplice fronteira trata - se de uma grande metrópole partilhada por cidades de três países, o desafio é gigantesco, existem ações acontecendo nesse sentido, porém ainda são tímidas e não acontecem na prática como são sugeridas nas legislações.

A história do recente deslocamento da fronteira é uma história de destruição. Mas, é também uma história de resistência, de revolta, de protesto, de sonho e de esperança. A nossa consciência de homens comuns e também a nossa consciência de intelectuais e especialistas se move no território dessa contradição (MARTINS, 1996, p. 26).

Dentro desse quadro e de tantas outras discussões importantes ligadas a essa região, essa especialização torna-se um espaço importante de debate e reflexão a cerca desses desafios, o que aconteceu de forma excelente durante o período de aula, por diversos professores.

O fato de ser uma pós graduação Lato Senso multidisciplinar enriqueceu mais ainda as discussões e a geração de cada artigo voltado para as diversas áreas de interesse, pois a vida na fronteira não acontece de forma linear, padronizada, ela é a costura de pessoas, falas, sonhos, medos, expectativas, escassez e cultura. A fronteira é viva, precisa ser vista com um olhar de possibilidades e não como um entrave para o desenvolvimento.

Trata-se de entender o pensamento que separa e que reduz, no lugar do pensamento que distingue e une. Não se trata de abandonar o conhecimento das partes pelo conhecimento da totalidade, nem da análise pela síntese, é preciso conjugá-las (MORIM, 2008, p. 46).

Pontos sobre as Pontes

Uma ponte traz muitos simbolismos em si e o mais importante deles diz respeito a conexão entre dois lados, se uma ponte está fechada, não existe uma conexão real, ela torna-se apenas uma bela imagem, não exerce a função pelo qual foi criada.

Figura 12 - Construindo Pontes Humanas. Marco das Três Fronteiras Argentina – Brasil – Paraguai. Puerto Iguazú.



Fonte: Arquivo Pessoal.

Essa imagem trata-se do Marco das Três Fronteiras entre Argentina - Brasil - Paraguai, ao fundo aparece a Ponte da Integração, vista a partir da Argentina, sob a foz do Rio Iguaçu no Rio Paraná, ela liga o Brasil ao Paraguai, porém até o momento, apesar de pronta ainda não está ativa.

As pontes aumentam as opções de travessia, facilitam, abrem alternativas, porém construir uma ponte exige esforço, persistência, planejamento, recursos, dedicação para que seja segura para se passar por ela. Sem uma estrutura bem formada uma ponte não permanece, nesse caso o “debaixo da ponte” não diz respeito a miséria e sim a fundação, o fundamento a parte que muitas vezes fica debaixo do solo ou das águas, aquela que não está em destaque é o que sustentará a ponte.

Não é possível uma integração real se não houverem pontes entre pessoas, durante a especialização a primeira integração entre Paraguai e Brasil aconteceu dentro da sala de aula, entre os próprios alunos, agregando ainda nessa diversidade Venezuela e Colômbia, o que dialoga diretamente com proposta da integração.

Dentro dessas pontes de integração das relações bilaterais, a Itaipu Binacional ocupa um lugar de destaque, tema esse que foi transversal durante a especialização. Ao estudarmos a disciplina de Recursos Energéticos e Integração, o professor Victorio Oxilia propôs um Ensaio de forma a abordar diretamente o assunto.

Como parte dessas reflexões é importante destacar o período histórico em que a Itaipu Binacional foi concebida, pois os dois países encontravam-se debaixo de fortes ditaduras militares.

Cabe ressaltar que o interesse pelo desenvolvimento hidroelétrico do Salto del Guairá ou das Sete Quedas era muito anterior, desde a década de 1930, pelos montantes de energia envolvidos no projeto. Porém, o projeto se tornou de grande interesse para o governo brasileiro nas décadas de 1950 e 1960, período de grande crescimento da demanda elétrica no país, mas também vinculado ao fato de que em ambos os países se encontravam governando regimes militares com grande concentração de poderes e com marcado envolvimento nas políticas de planejamento centralizado e de intervenção dos Estados no desenvolvimento da infraestrutura (OXILIA, 2015, p. 213).

Depois desse primeiro acordo para construção, houveram muitas outras negociações e mudanças envolvendo a empresa binacional, no entanto esse fato histórico/político não deve ser esquecido, pois ainda gera influencia em muitas decisões e procedimentos adotados, os quais interferem diretamente nos benefícios a população.

Figura 13 - Represa da Hidrelétrica Itaipu Binacional.



Fonte: Paes, 2019.

Nesse ano (2023) de Jubileu da Itaipu Binacional que é marcado pela conclusão do pagamento da sua dívida contraída na sua construção e posteriores investimentos, abre espaço para diálogos e renegociações entre os países sócios (PAES,2019), pois a partir de então os valores monetários antes destinados ao pagamento da dívida estariam disponíveis, tornando o momento propício para refletir sobre o futuro e em se tratando de uma empresa pública sem fins lucrativos, esse dinheiro deveria ser revestido a população paraguaia e brasileira.

Um aspecto importante a ser notado é que as negociações e conversas entre os dois países com a Itaipu Binacional na centralidade, abre espaço para cooperações e acordos em outras áreas, como foi no caso do Acordo Lula-Lugo em 2009¹⁵.

Embora o núcleo do documento seja o ponto que lida com a empresa binacional de Itaipu e outros itens da agenda energética bilateral, ele não se limita a isso, cobrindo também um conjunto de temas e visa estabelecer uma nova dinâmica no relacionamento bilateral (CODAS, 2019, p. 69).

Além da finalização do pagamento da dívida, este ano será realizado a revisão do Anexo C do contrato firmado entre os dois países. Esse anexo diz respeito diretamente

¹⁵ Em 25 de julho de 2009, os presidentes do Brasil, Luiz Inácio Lula da Silva e do Paraguai, Fernando Lugo, assinaram uma “Declaração” que tem o título “Construindo uma nova etapa no relacionamento bilateral” (CODAS, 2019).

a base financeira e de prestação de serviços de eletricidade da empresa (PAES, 2019), o que torna o momento notadamente sensível para tais discursões e propostas de investimentos.

A Itaipu Binacional já fomenta alguns projetos de desenvolvimento socioambiental na região transfronteiriça, no entanto haja a vista o aumento significativo na disponibilidade de recursos e sua dívida socioambiental com esse território, bem como com sua população poderia ser repensando como potencializá-los.

Garantir acesso a uma alimentação de qualidade nutricional e biológica a uma faixa de população mais vulnerável, assim como a formação em educação alimentar e nutricional para gerações futuras é sem dúvida um grande investimento em desenvolvimento regional. Um tema bastante sensível nos dois países, que está diretamente relacionado à Soberania Alimentar, inclusive na região de fronteira.

Existem diversos fatores para toda essa problemática em torno da insegurança alimentar nos dois países, no entanto ambos também possuem todas as ferramentas necessárias para uma construção inversa a atual. Eles dispõem de recursos naturais, tecnologias e conhecimento adequados para produzir e acessibilizar alimentação para todos/todas, pessoas competentes e que não estão necessariamente dentro das grandes empresas de pesquisas ou universidades, onde a maior vocação para o cultivo de alimentos está no povo campesino, nos conhecimentos ancestrais e no respeito a história desse povo do ontem e do hoje.

5. Considerações Finais

“O professor é uma pessoa para os seus alunos, não uma encarnação anônima de uma exigência curricular, não um tubo estéril através do qual o conhecimento passa de uma geração para outra”
Carl Rogers

A primeira aula compartilhada entre os professores Anibal Pozzo e Diana Pereira, ele paraguaio e ela brasileira, foi fundamental, pois despertou a criatividade em um lugar propício de compartilhamento, quando há liberdade de criar o poder criativo não tem limites.

A força dos laços está no dia a dia, na construção das boas memórias, no acolhimento de um na casa do outro, no pegar o ônibus juntos no frio do inverno, nas caronas dos

professores. A espontaneidade de uns, a reserva de outros, as experiências se misturaram na sala de aula, nos grupos de WhatsApp, nas mesas, nas danças, nas cachoeiras, nos lanches compartilhados. Quem se abriu pôde vivenciar mais que uma experiência acadêmica, mas a integração entre pessoas que nasceram no Paraguai, no Brasil e em outros países. Sem integração humana não há integração entre nações.

[...] a integração não é um feito automático, ou seja, não é apenas aglomerando pessoas de diferentes nacionalidades que ela acontece. [...] é algo processual e não ocorre por automatismo. De nada adianta trazer estudantes de diferentes realidades e não conseguir pensar metodologias para promover a interação e integração de saberes e realidades (ARAÚJO, 2021, p 196 e 210).

Figura 14 – Compartilhando Vida. Sala de uma “República”. Foz do Iguaçu.



Fonte: Arquivo Pessoal.

Tanto nas aulas presenciais, quanto nas remotas os conteúdos foram maravilhosos, cada professor pode compartilhar mais que conhecimento acadêmico, partilhava-se um pouco de suas vivências. E depois de cada aula continuávamos as conversas partilhando uma mesa ou pelo WhatsApp, cada um de uma parte do planeta, mas próximos pelo compartilhar das nossas vidas.

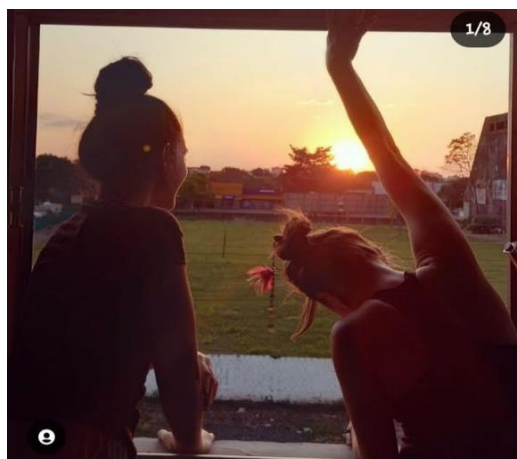
Pode-se pensar, a grande importância de uma especialização *Latu Senso*, ela com uma grade mais flexível nos deu liberdade de olhar por outros ângulos, de ter tempo para desfrutar de outras possibilidades paralelas e para muitos de nós que estávamos distantes da academia a muito tempo, de voltar para a pesquisa na universidade.

Não se pode mudar o passado, porém pode-se construir um futuro mais equitativo, por isso é sumamente necessário dar-se voz para as vozes caladas durante os processos, pois existem malefícios à serem ressarcidos e benefícios a serem fortalecidos. E sem sobra de dúvida, essa experiência é importante para que se aproxime os olhares abrindo lugar do diálogo para uma prática mais justa e igualitária.

Sistematizar é como iluminar um processo, é vê o caminho percorrido, e muitas vezes descobrir o que “ainda não sabia que já sabia” (HOLLIDAY, 2006, p. 25). É nomear, dar uma identidade, entender suas relações internas e externas, diagnosticar suas debilidades, problematizar e promover um espaço seguro de tomada de decisões para o futuro. Visibilizar é também compartilhar, é servir de inspiração, é provocar no outro a esperança de construir algo semelhante, é despertar a possibilidade.

Nesse espaço e tempo testemunhei de pontes sendo construídas nessa vivência, talvez não tão grandiosas como as Pontes da Amizade, da Fraternidade e da Integração que ligam nações sobre águas imponentes. Mas, pequenas estruturas formadas no dia a dia em tímidas relações, são essas o verdadeiro fundamento para o alicerce de pontes maiores, aquela entre dois colegas, entre os professores, onde transitam mais que informações, aprendendo assim a construir, a sermos e não tornar-nos muros.

Figura 15 - Pés no Brasil, olhos no Paraguai. Foz do Iguaçu.



Fonte: Arquivo Pessoal.

Em um sábado à tarde, em um apartamento, cada uma no seu quarto e no seu mundo, nos seus conflitos e medos, abriu-se uma janela e veio o pôr-do-sol. Então veio uma música, uma dança, uma mesa farta para compartilhar. O sentimento de solidão e mundo isolado se foi, a que estava longe veio para perto, o medo de uma transformou-

se no encorajamento de todas. Os conflitos não foram embora, mas o amor verdadeiro lança fora qualquer medo (BÍBLIA, 1Jo, 4, 18). “[...] ao encontrar alguém que ouve e aceita seus sentimentos, pouco a pouco torna-se capaz de ouvir a si mesmo” (ROGERS,1977, p.63). São tão importantes aqueles que aparecem nas imagens quanto aqueles que seguram as câmeras.

Essa cena de partilhar e de se envolver com o mundo do outro é algo fundamental nas relações humanas, sobretudo quando estão distantes de seus familiares, sua terra de origem, sua língua, sua cultura, são essas relações que matam estudantes nas universidades. As famílias que se formam nos corredores, nas “repúblicas”, nas moradias, nos dias que o dinheiro acaba e não se tem passagem ou comida. “É preciso dar atenção às necessidades não só físicas” (CARVALHO, 2011, p. 80), um olhar atento de quem está bem ao lado é fundamental para amenizar a fome de pertencer, a fome do cuidado, a fome que vai além do conhecimento acadêmico.

Somente a educação formal, na sala de aula é incompleta e incapaz de saciar a fome de qualquer estudante. Como respondido pelo Poeta José Bergamín apud Savater (1998, p.171) “Se eu fosse um objeto, seria objetivo: como sou um sujeito, sou subjetivo.” A fome humana não pode ser saciada somente com conhecimento intelectual.

Poderia descrever tantas cenas que presenciei de compartilhamento, de família que se forma na universidade. No contexto da Unila a diversidade de países, de culturas, desafia o saciamento dessa fome. Como responder tamanha diversidade? Se tratando apenas de Brasil, já seria uma gigantesca dimensão, mas vai muito além.

Uma nordestina que chora nas festas juninas buscando o sabor e o cheiro de sua terra, um filósofo, uma aula não podem saciar essa fome. Mas, quando cada uma em um apartamento sai do seu quarto e juntas dão forma a uma grande festa de três pessoas em sua sala assim quem sabe os sabores e cheiros tão distantes chegam.

Quando alguém apresenta seu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), a academia não consegue contemplar toda a história envolvida nessa apresentação. Uma longa viagem de avião, quem sabe uma parte de ônibus, foram tantas fronteiras físicas e tantas outras não físicas, uma família permaneceu firme para que seu filho/filha, seu

irmão/irmã, seu neto/neta pudessem ir. Foram tantas dores, tantas alegrias para chegar aquelas 50 páginas, 20 min de apresentação, porém existe algo mais e os amigos/amigas que agora serão irmãos/irmãs se organizam para revisar as citações, outro a formatação, outro leva o bolo, outro o café, outro o tereré, outro a câmera e estão todos presentes em um comum objetivo, não importa a nota, importa se alegrar com os que se alegram (BÍBLIA, Rm, 12, 15). E percebemos que “o bem principal que devemos produzir e aumentar é a humanidade compartilhada” (SAVATER, 1998, p.180).

O que pode corresponder a um humano é somente outro humano. Não existe maior demonstração de amor do que chegar a ser humano (SAVATER, 1998) e dá a sua vida pelos seus amigos (BÍBLIA, Jo, 15, 13).

Lancei no papel a minha ideia habitual de um bom esquema de trabalho, mas logo verifiquei que não se ajustava de forma alguma a minha necessidade; passei a escrever sobre coisas que eram significativas para mim (ROGERS, 1977, p. 72).

Referências Bibliográficas

- ARAÚJO, D. M. M. de. **Internacionalização e Interiorização: os desafios da integração: uma análise a partir da Unilab e da Unila**. Unilab 10 anos: gênese, desafios e conquistas. LIMA, M. C. PROLO, I. ASSUMPÇÃO, S. R. B. Leal, F. (Org). Blumenau, 1ª Edição, 2021.
- BARROS, A. L. de E. C. de. **Fronteira(s) Paraguai/Brasil: Narrativas Sobre (De) Colonialidade, Culturas, Línguas e Identidades**. 1ª ed. [S.l.]: Pontes, 2017.
- BÍBLIA. Bíblia Sagrada. Bíblia Online Português. Nova Versão Internacional NVI. Disponível em: <https://bibliaestudos.com/nvi/>. Acesso em: 03 out. 2023.
- BONFIM, C. **Portuñol salvaje: arte licuafronteras y tensiones contemporâneas**. Kipus Revista Andina de Letras, Quito, v.31, p. 69 – 86, I semestre 2012.
- BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF, 1988. Disponível em: <https://n9.cl/l7n2hr>. Acesso em: 06 set. 2023.
- BRASIL. **Decreto Legislativo nº 133 de 13 de out de 2022**. Acordo entre a República Federativa do Brasil e a República do Paraguai sobre Localidades Fronteiriças Vinculadas. Ministério das Relações Exteriores. Brasília, DF. 2022. Disponível em: <https://n9.cl/yul8s>. Acessado em: 10 nov. 2022.
- CARVALHO, E. M. G. de. **Relações de Gênero, Cuidado e Trabalho Docente na Educação Infantil**. Ilhéus: Editus, 2021.
- CODAS, G. **Nossa América Nuestra: Paraguai**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2019.
- FOGEL, R. **La región de la triple frontera: territorios de Integración y desintegración**. In: II SEMINARIO INTERNACIONAL DE ESTUDIOS REGIONALES SUDAMERICANOS: CONTRASTES SOCIO-TERRITORIALES Y PERSPECTIVAS DE INTEGRACIÓN REGIONAL, 2006, Cuiabá. Sociologias. Porto Alegre: 2008. 270-290.
- FOGEL, R. RIQUELME, M. **Enclave Sojero, Merma de Soberanía y Pobreza**. Centro de Estudios Rurales Interdisciplinarios (CERI). Asunción Paraguay: 2005.
- FOZ DO IGUAÇU (PR). **Edital de Processo Seletivo para o Curso de Pós-Graduação Lato Sensu - Especialização em Integração Paraguai-Brasil: Relações Bilaterais, Desenvolvimento e Fronteiras nº221**. Ministério da Educação, Universidade Federal da Integração Latino-Americana Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação, 09 de dezembro de 2021.
- GIL, A.C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 1994.
- GODOY, L. J. R. PEREIRA, D. A. Comarca Guaraní: literatura e cultura. **Trânsitos e fronteiras literárias: TERRITÓRIOS**. MIBIELLI, R. JORGE, S. R. SAMPAIO, S. M. G. (Orgs). v.3. Rio de Janeiro: Makunainma. Boa Vista: UFRR, 2020.

HOLLIDAY, O. J. **Para sistematizar experiências**. RESENDE, M. V. V. de. (Trad.). Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2ª ed. 2006. Disponível em: <https://n9.cl/be58l>. Acesso em: 02 set. 2022.

INSTITUTO NACIONAL ESTADÍSTICA. **Valores Mensuales (guaraníes) de la línea de pobreza extrema y pobreza total por área de residencia, según año, período 1997/98-2021**. Paraguai, 2022. Disponível em: <https://n9.cl/dnvjro>. Acesso em: 03 nov. 2022.

LÜDKE, M; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MARTINS, J. de S. **O tempo da Fronteira Retorno à Controvérsia sobre o Tempo Histórico da Frente de Expansão e da Frente Pioneira**. Tempo Social. Revista Sociológica USP. São Paulo, v. 8 ,1996.

MÉLO, J. L. B. de **A fronteira dos desencontros**. Resenha. Porto Alegre: Sociologias, 2001. p.266-272. MARTINS, José de Souza. **Fronteira: a degradação do outro nos confins do humano**. São Paulo: Hucitec, 1997. p. 213.

MORIM, E. **Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro**. 8ª ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: Unesco, 2008.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Declaração de Roma Sobre a Segurança Alimentar Mundial e Plano de Acção da Cimeira Mundial da Alimentação**. Roma, 1996.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Declaração Universal dos Direitos Humanos**, 1948. Disponível em: <https://n9.cl/sns2w>. Acesso em: 02 nov. 2022.

OXILIA, V. SAUER, I. L. RODRIGUES, L. A. **Motivações Políticas e Econômicas da Integração Energética na América do Sul: O Caso de Itaipu**. **História e Cultura**, Franca, v. 4, n. 1, p. 208-231, mar. 2015.

PAES, C. E. FERNANDES, G. PEREIRA, G. BEZERRA, L. R. **Anexo C do Tratado de Itaipu – Revisão das Bases Financeiras da Tarifa de Suprimento de Energia**. Caderno de Opinião. FGV ENERGIA. abr. 2019.

PARAGUAI, Associação de Comerciantes de Grãos e Oleaginosas do. Capeco. **Área de Siembra, Producción y Rendimiento**. Paraguai, 2022. Disponível em: <https://n9.cl/70q3q> . Acesso em: 03 set. 2022.

PORTUÑOL. Direção: Thais Fernandes. Produção: Vulcana Cinema. Brasil, 2020. (70 min)

POZZO, A. O. **Las Fronteras Paraguayas en el Contexto de las Relaciones Paraguay-Brasil (1960-2018)**. Revista Carta Internacional. Associação Brasileira de Relações Internacionais. Belo Horizonte, v. 17, 2022.

POZZO, A. O. **Representaciones de la Guerra Guasu. Construcción de imaginarios sobre el Paraguay en la prensa satírica-gráfica de los países aliados.** Centro de Estudios Rurales Interdisciplinarios (CERI), Asunción – Paraguay. 2021.

REMBE'ÝPE, Asociación Yvy Paraná. **Deuda Histórica de Itaipú Binacional:** lado Paraguayo, con el pueblo Ava Guarani Paranaense. 1ª ed. Asunción: 2021.

ROGERS, C. R. STEVENS, B. **De Pessoa Para Pessoa:** O Problema de Ser Humano. Uma Nova Tendência na Psicologia. LEITE, M. L. M. LEITE, D. M. (Trad.). 2ª ed. São Paulo: Novos Ubrais, 1977.

SAVATER, F. **O Valor de Educar.** STAHEL, Mônica (Trad.). São Paulo: Martins Fontes, 1998.

STOLF, M. R. da S. **Mesclado.** 2016. Disponível em: <https://n9.cl/audi8>. Acesso em: 22 nov. 2023.

UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO LATINA - AMERICANA. **Estatuto da UNILA.** Aprovado pela Portaria nº 32, de 11 de abril de 2012, da Secretaria de Regulação e Supervisão da Educação Superior, do Ministério da Educação; publicada no DOU nº 71, de 12 de abril de 2012, s. 1, p. 8. Disponível em: <https://n9.cl/fwnx3r>. Acesso em: 08 nov. 2023.

VÍCTORA, C. G. et al. **Pesquisa Qualitativa em Saúde:** introdução ao tema. Porto Alegre: Tomo Editora, 2000.

VILADESAU, T. P. Es lógico que una sociedad agredida se defienda: Recopilación de artículos 2008-2011. **El Agronegocio de la Soja en Paraguay Antecedentes e impactos sociales y econômicos.** 1. ed., Asunción, Paraguay: BASE Investigaciones Sociales, 2012.